

O pensamento fronteiriço de Paul Tillich e a sua contribuição para uma transteologia

Carlos Alberto Motta Cunha*

RESUMO

No pensamento sistêmico de hoje, com a consciência de que tudo está relacionado e conectado, a fronteira amplia o seu sentido de forma positiva como um entre-lugares. Assim espaços fronteiriços se alargam possibilitando diálogos e encontros entre povos, culturas, religiões e saberes. Neste contexto, o prefixo “trans” ganhou múltiplos significados a depender do termo associado: “além de”, “para além de”, “o outro lado” ou “o lado oposto”. É o caso de: transmoderno, transhumano, transgênero, transdisciplinar, transreligioso e outras possibilidades. A teologia também é impactada por tal processo e pensada para além do seu próprio espaço e de suas categorias inerentes. Fala-se de transteologia. O que é e como se faz transteologia? O objetivo deste artigo consiste em responder de forma inconclusa essas perguntas recorrendo ao diálogo com o pensamento fronteiriço do teólogo alemão Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965), conhecido como “teólogo da fronteira”. As correlações sugeridas por Tillich, no dinamismo do entre-lugares, possibilitam diálogos diversos capazes de ampliar um novo jeito de ver e fazer teologia na atualidade. Elas são fonte de inspiração para uma transteologia disposta a rever, ressignificar e refazer as suas próprias categorias para além das religiões e a serviço do planeta e da humanidade.

Palavras-chave: Transteologia; Paul Tillich; Fronteira; Correlação.

* Doutor em Teologia com pós-doutorado em Teologia Sistemática pela FAJE, professor adjunto no Instituto de Filosofia e Teologia (IFT) e no PPG em Teologia Prática (PUC Minas), coordenador do grupo de pesquisa Teologia e Contemporaneidade (CNPq). <https://orcid.org/0000-0002-1981-7120>. E-mail : carlosamc04@gmail.com.

PAUL TILlich'S THINKING ON THE BOUNDARY AND HIS CONTRIBUTION TO A TRANSRELIGIOUS THEOLOGY

ABSTRACT

In today's systemic thinking, and with the awareness that everything is related and connected, the meaning of boundary has positively expanded to reach in-between places. Thus, spaces on the boundary have grown, enabling dialogues and encounters between peoples, cultures, religions and knowledges. In this context, the prefix "trans" gained multiple meanings depending on the term it is juxtaposed to: "beyond", "above and beyond", "the other side" or "the opposite side". This is the case of: transmodern, transhuman, transgender, transdisciplinary, transreligious and other possibilities. Theology is not only affected by such a process, but also thought of beyond its own space and inherent categories. One speaks of transreligious theology. What is transreligious theology and how is it done? This article aims to answer the question, albeit inconclusively, through a dialogue with the German theologian Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965), known as the "Theologian of the Boundaries". In the dynamics of these in-between places, Tillich suggests correlations that allow for a diversity of dialogues capable of creating a new way of seeing and doing theology today. They are a source of inspiration for a transreligious theology willing to revise, re-signify and reconstruct its own categories beyond religions to serve the planet and humanity.

Keywords: Transreligious theology, Paul Tillich, Boundary, Correlation.

Introdução

O século XXI impõe uma série de desafios sobre a humanidade. Na era do planejamento técnico-científico, o ser humano se vê interpelado por demandas nos âmbitos social, cultural, ecológico, humanitário e outras instâncias da vida. Os avanços científicos mudaram definitivamente a nossa existência. De um lado, somos fascinados pelas descobertas, por exemplo, da nano e biotecnologia e do conhecimento e suas contribuições para uma melhor qualidade de vida, de outro lado, ficamos assustados com as incertezas sobre o impacto de tanta tecnologia sobre o planeta e as consequências indesejáveis e até irreversíveis.

As religiões com as suas teologias não fogem dos tentáculos da era da tecnociência. Em algumas latitudes, o progresso vai apagando os vestígios de Deus na natureza e reduzindo a inteligência da fé a um discurso obsoleto. Concomitantemente, e esta é uma característica ambígua do nosso tempo, presenciamos um renovar religioso, de teologias dispostas ao diálogo maduro e sincero com a contemporaneidade. Como a teologia deve se colocar hoje? A partir desta pergunta fundamental, propomos uma breve reflexão sobre a importância do fazer teológico atual em diálogo com o pensamento do teólogo alemão Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965), conhecido como “teólogo da fronteira”. Por que Tillich? Ele não foi e não será o único teólogo movido pela preocupação em correlacionar a religião e teologia com as questões da cultura secular. Mas, para muitos, ele é considerado o mais importante e inovador pensador sobre o tema.

Paul Tillich se utiliza do espaço fronteiriço, entre-lugares, para o seu fazer teológico permitindo um ângulo de percepção da realidade relevante e criativo. Tal caminho é fundamental para a nossa reflexão, pois a teologia que daí se elabora assume o prefixo “trans” como um modo referencial para além dos seus próprios espaços constitutivos: transteologia. Isso não significa um abandono do senso de pertença identitária, mas uma disposição ao diálogo e ao encontro com tradições, culturas, religiões, saberes entre outros.

Inspirado pelo pensamento de fronteira de Tillich, propomos algumas contribuições para a transteologia. O nosso itinerário consiste em mostrar a importância da categoria “fronteira” na transdisciplinaridade e como Tillich, mesmo sem utilizar o termo, já antecipava a relevância de um conhecimento para além da interdisciplinaridade. Em seguida, em linhas gerais, fazemos um breve apanhado da teologia de fronteira tillichiana e possíveis contribuições para uma transteologia disposta a rever, ressignificar e refazer as suas próprias categorias para além das religiões e espiritualidades.

1. O pensamento fronteiriço

No léxico da língua portuguesa, o termo “fronteira” remete à ideia de demarcar, limitar e separar. Portanto, numa primeira aproximação da palavra, o aspecto negativo sobressai remetendo à limitação da liber-

dade, da exclusão do outro e dos espaços de conflito. Neste arcabouço de compreensão, onde há fronteiras existe a tensão da iminência da guerra causada pelo avanço das áreas limítrofes. A história dos conflitos entre povos e culturas testificam como lugares fronteirizos podem ser perigosos.

Já do ponto de vista artístico, a fronteira tem outro sentido. O contorno de espaços imaginários na “Geografia de encontros” da artista plástica Mayana Redin, por exemplo, desafia o conceito de fronteira ao propor outro olhar sobre a cartografia oficial. Geografias fictícias sugeridas por Redin apontam para a riqueza dos espaços fronteirizos quando potencializam encontros para além da rigidez do espaço que separa. “Ao embaralhar limites, representações e significados, seus mapas reordenam o mundo e instauram outras paisagens” (MACHADO, 2013, p. 34) cheias de criatividade geopolíticas e culturais. Fronteiras são espaços de novidade.

Ainda em um sentido positivo, Mia Couto afirma que “a vida tem fome de fronteiras [...] Todas as membranas orgânicas são entidades vivas e permeáveis. São fronteiras feitas para, ao mesmo tempo, delimitar e negociar. O ‘dentro’ e o ‘fora’ trocam-se por turnos” (COUTO, 2014). A fronteira, para Couto, é rica em novas possibilidades e desafios. A ordem dá lugar à desordem e o simples cede espaço ao complexo.

Das expressões artísticas para âmbitos científicos, a fronteira é provocadora porque ela é dotada de uma dinâmica que rompe com a inércia e procura novos caminhos de conhecimento e de experiência para uma visão mais ampla do mundo e do humano. Por exemplo, a fronteira para Homi Bhabha é uma categoria de “entre-lugares” ideal para a construção de identidades porque favorece a articulação de diferenças culturais, isto é, “esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, singular ou coletiva, que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 2013, p.20).

A percepção da realidade integrada do entre-lugares impede o reducionismo do entendimento dicotomizado. A polarização de um pensamento binário é prejudicial, uma vez que impede o sujeito de articular as diversas dimensões do seu ser. Já o pensamento ternário, o da complementaridade, construído a partir da conjunção “e”, possibi-

lita a articulação dos pares e a criação de um terceiro termo incluído. Segundo Akiko Santos:

Ao articular os opostos, o princípio da complementaridade opõe-se à dicotomia dos binários, remetendo o olhar para o nível de realidade integrada, isto é, razão “e” emoção, indivíduo “e” sociedade, saúde “e” doença, subjetivo “e” objetivo, *sapiens* “e” *demens*, bem “e” mal, clausura “e” abertura das crenças ou das teorias. Impõe-se colocar a conjunção “e” para significar a junção, a associação, a articulação desses pares (SANTOS, 2008, p. 77).

A partir da compreensão da articulação dos vários níveis da realidade, o ambiente fronteiroço se torna um lugar de diálogo relacional, para uma vivência aberta à interação entre os dialogantes, possibilitando assim o deslocamento dos seus próprios lugares enunciativos para um outro espaço, o da novidade. O pensamento que emerge daí favorece encontros entre povos, culturas, religiões e saberes.

A desinstalação dos sujeitos dos seus próprios ambientes parece ser fundamental para um relacionamento efetivo. Sem ter que negar a sua própria identidade constitutiva, povos, culturas, tradições religiosas e de conhecimento transitam na fronteira seguros do seu pertencimento e, ao mesmo tempo, conscientes da realidade do outro. O diálogo feito na circulação entre os espaços não é fruto de concordismos, na ilusão de um pensamento monolítico, e muito menos de relativismos, mas é o resultado da riqueza da divergência de olhares que se complementam e da crítica madura e responsável.

1.1. A transdisciplinaridade

O pensamento fronteiroço funda entre-lugares para além dos seus próprios núcleos constitutivos. Não se nega a especificidade de cada disciplina, saber, cultura ou religião, mas avança-se para espaços periféricos propiciando diálogos e encontros. O prefixo “trans” se inscreve neste contexto de modo positivo porque reforça a ideia de avançar para além dos modelos enrijecidos pelo pensamento convencional. Transgênero, transcultural, transreligioso, transmoderno e transdisciplinar são alguns exemplos do esforço de articular os opostos e/ou próximos pelo princípio da complementaridade.

No nível transdisciplinar, Jean Piaget já intuía na década de 1970 a sucessão de uma etapa superior às relações interdisciplinares “que não se contentará em atender às interações ou reciprocidades entre ciências especializadas, mas situará essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas” (PIAJET, 1975, p. 104). A esta etapa, Piaget chama de transdisciplinar por oportunizar movimentos reflexivos, investigativos, capazes de alçar voos mais altos e profundos além das relações interdisciplinares.

Já em tempos mais recentes, o físico romeno Basarab Nicolescu se destaca como um dos principais pesquisadores da transdisciplinaridade. Para ele, o transdisciplinar é o estágio final de um percurso metodológico que começa com a disciplinaridade, evolui para a multidisciplinaridade, passa pela interdisciplinaridade e, finalmente, para a abordagem transdisciplinar (NICOLESCU, 1999, p. 49-65). Há uma relação de absorção da etapa anterior, assimilação e superação pelas etapas seguintes. Quer dizer, a transdisciplinaridade não nega as etapas anteriores, mas, a partir delas, multiplica os ângulos de aproximação que complexificam as relações de conhecimento fundando um novo modo de se situar no mundo.

O prefixo “trans” “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (NICOLESCU, 1999, p. 35), com o objetivo de compreender a dinâmica da complexidade da realidade. A transdisciplinaridade oportuniza movimentos investigativos para além das interações entre os saberes. Ela surge como “possibilidade para o alargamento da compreensão do real, como renascimento do espírito e de uma nova consciência [...] levando a termo uma nova práxis” (RODRIGUES, 2018, p. 1).

A complexidade do desenvolvimento do conhecimento, do humano e da vida pede um olhar transdisciplinar. Pensamento complexo, consciente da relação entre os vários níveis da realidade e metodologia transdisciplinar articulam-se. Embora concebidos separadamente, um torna-se princípio do outro em busca da superação do modo de pensar simplificador e de lógica dicotômica. O pensador francês Edgar Morin, um dos teóricos do pensamento complexo, afirma que “a complexidade é uma noção lógica, que une um e multiplica-o em *unitas multiplex* do *complexus*, complementar e antagonista na unidade dialógica, ou, como

querem alguns, na dialética. Atingir a complexidade significa atingir a binocularidade mental e abandonar o pensamento caolho” (MORIN, 2008, p. 215).

A expressão “tudo é complexo” não é sinônimo de “não se pode compreender”. Embora abrace a imprecisão e a incerteza como condições de possibilidade, não é um pensamento da imprecisão, da incerteza. A complexidade serve de base para a construção de conceitos e metodologias capazes de articular os saberes. Ela não se ilude com a pretensão de explicar tudo, mas é capaz de possibilitar a exploração da vida articulando o todo com as partes, o global e o local (glocal) em um processo tomado por fecundidades.

Em 1994, Basarab Nicolescu, Edgar Morin e Lima de Freitas, no Comitê de Redação, elaboraram a *Carta da Transdisciplinaridade* (NICOLESCU, MORIN, FREITAS, 1994) com o objetivo de esclarecer os aspectos fundamentais da abordagem do pensamento complexo e transdisciplinar. Em síntese, a Carta reforça a multiplicidade dos níveis da realidade regidos por lógicas distintas e que um único olhar para o real provocaria um pensamento simplificador e reducionista (artigo 1 e 2). Neste contexto do pluriverso da realidade, a transdisciplinaridade é como uma etapa complementar à disciplinaridade (artigo 3) que se nutre da interação dinâmica e construtiva entre o observador e o observado (artigo 4). Todos os saberes são acolhidos nesse intercâmbio dando a sua própria contribuição, inclusive aqueles vindos da subjetividade, como a arte, a literatura e a poesia, por exemplo (artigo 5).

A transdisciplinaridade não tem a pretensão de ser uma nova ciência, mas integra um processo pela busca do conhecimento integral a partir dos ganhos da multi e interdisciplinaridade (artigos 6 a 8). A sua postura dialógica favorece encontros entre os saberes diversos, atitude importante para os processos educacionais neste nosso tempo plural e dinâmico (artigos 9 a 11). A ética proveniente da transdisciplinaridade é marcada pelo reconhecimento da legitimidade existencial do outro possibilitando comportamentos respeitosos e tolerantes (artigos 13 e 14).

2. A fronteira no pensamento de Paul Tillich

No âmbito do cristianismo, a fronteira aparece como um espaço importante no fazer teológico. A história da teologia cristã testemunha

o esforço de teólogas e teólogos que fizeram do entre-lugares o chão ideal para a construção da inteligência da fé interpelada pelas demandas do seu tempo. A própria fala sobre Deus (*teolalia*) de Jesus Cristo foi marcada por uma perspectiva dialogal dando relevância temática ao seu discurso sobre o Reino de Deus. Por exemplo, no seu discurso sobre os sinais dos tempos, Jesus movido por um acontecimento da época contextualiza a importância do arrependimento: “Ou cuidais que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lc 13,4). Jesus era consciente da situação existencial do seu entorno. Ele via com profundidade às multidões e se compadecia delas porque se deixava ser interpelado pela realidade que a afligiam (Mt 9, 36-38).

Na esteira dos passos de Jesus, passando pela história da teologia cristã até o tempo moderno, o teólogo alemão Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965), conhecido como “teólogo da fronteira”, fez da sua teologia o reflexo da sua vida fronteiriça. No entre-lugares das experiências familiares, dos conhecimentos, das culturas e religiões, o pensamento tillichiano se constrói do “entre os mundos, entre os tempos, na tensão em movimento, em diálogo” (GIBELLINI, 2002, p. 85). A sua vida e teologia se deram numa situação de fronteira (*boundary-situation*). O próprio Tillich, consciente da riqueza do espaço fronteiriço, afirma na sua autobiografia *On the Boundary*: “a fronteira é o melhor lugar para a aquisição de conhecimento” (TILLICH, 1966, p. 13).

Na entrevista concedida a Werner Rode, no *Union Theological Seminary*, Tillich disse que “sempre estive na fronteira entre o filosófico e o teológico” (RODE, 1956). A versatilidade do seu pensamento permite convergências para além da Filosofia e da Teologia e toca também, de modo criativo, outras áreas do conhecimento, por exemplo: Ciência das Religiões, Psicologia, Sociologia, Artes e outras. Provavelmente, a explicação para a pertinência do pensamento tillichiano esteja ancorado na “relação que ele institui entre religião e cultura secular e no método da correlação constantemente praticado em teologia sistemática” (GIBELLINI, 2002, p. 85).

A correlação, enquanto método de reflexão sobre a realidade, favorecido pelo entre-lugares, não é uma novidade de Paul Tillich. A

filosofia clássica de Platão, Aristóteles e a teologia escolástica de Pedro Abelardo e Tomás de Aquino, como alguns dos muitos exemplos, já intuía sobre a importância do princípio da correlação. A novidade de Tillich consiste no ângulo de observação ou melhor: “representa o princípio hermenêutico supremo, o cânon interpretativo fundamental, o ângulo de observação preferido, o refletor potente que ilumina todo o palco do mundo” (MONDIM, 2003, p. 98).

A novidade do caminho de correlacionar proposto por Tillich continua inspirando o fazer teológico contemporâneo. Por exemplo, a teologia pública e a teologia do diálogo inter-religioso, preocupadas com a tarefa pública da inteligência da fé e com a importância do diálogo religioso nas culturas multifacetadas de hoje, respectivamente, são devedoras da singularidade do método proposto do Tillich. Sem alongar os exemplos que comprovam essa inspiração, a teologia pública de David Tracy e a teologia do diálogo inter-religioso de Claude Geffré se apoiam na correlação tillichiana. Tracy, assume o método na necessidade contemporânea de encontrar correlações mutuamente críticas entre interpretações teologicamente cunhadas tanto da situação existencial como da mensagem da fé, a necessidade de tentar ser fiel tanto à manifestação religiosa como à proclamação (TRACY, 2004, p. 534). Já Geffré mostra a universalidade do símbolo da cruz ligada ao sacrifício de uma particularidade sintetizada na fórmula tillichiana: “Cristo é Jesus e a negação de Jesus” (GEFFRÉ, 2004, p. 167).

2.1. A teologia de fronteira tillichiana

Muito ainda se pode falar sobre a inspiração do pensamento tillichiano para o tempo atual. No momento, basta, em linhas gerais, mostrar a importância da fronteira no pensamento de Paul Tillich. Sem a pretensão de oferecer ao leitor uma síntese da sua teologia, buscamos tratar do entre-lugares no seu fazer teológico. Como fundamento da teologia de Tillich está a preocupação de correlacionar religião e cultura secular. Ou nas palavras do próprio Tillich: “o problema da relação entre religião e cultura sempre esteve no centro de meus interesses. A maioria de meus escritos tenta definir a maneira como o cristianismo se relaciona com a cultura secular” (TILLICH, 2009, p. 33).

A teologia-que-dá-respostas (*Answering Theology*) às demandas do seu tempo proposta por Tillich consiste na inteligência da fé cristã que se deixa ser provocada pelas perguntas do mundo atual. Tillich foi um crítico das teologias incapazes de correlacionar o conteúdo da revelação, traduzida e conservado pela tradição cristã, com a situação existencial dos seus interlocutores: “não são muitos os sistemas teológicos que souberam combinar perfeitamente essas duas exigências. A maioria deles ou sacrificam elementos da verdade ou não são capazes de falar no momento atual” (TILLICH, 2005, p. 22). A teologia da cultura pertinente dialoga com a situação presente com o objetivo de discernir as marcas da inquietação humana presentes nas expressões culturais. Segundo Etienne Higuët:

Na *Teologia Sistemática*, Paul Tillich define a teologia apologética como “teologia de resposta” às perguntas implicadas na situação, isto é, perguntas que estão contidas na existência humana e são formuladas na cultura. Aí o ser humano revela-se como um ser questionador, interrogativo, sempre à procura do sentido da sua própria existência [...] A teologia precisa então entrar em diálogo com a situação presente, isto é, com as formas científicas, artísticas, econômicas, políticas e éticas, nas quais os seres humanos expressam a sua interpretação criativa da existência (HIGUET, 2005, p. 109).

A teologia da cultura é fronteira porque também se dirige àqueles que estão para além dos espaços eclesiais. Ela levanta uma sabedoria teológica no mundo transreligioso preocupada com a situação de toda a humanidade e a criação. É uma teologia dotada de consciência planetária impulsionada por uma práxis transformadora. Por isso, a teologia tillichiana é apologética não no sentido passivo, na defensiva das possíveis ameaças do pensamento moderno, mas no entendimento de se colocar ativamente diante dos desafios que tocam a humanidade nesta nova sociedade do conhecimento tecnocientífico.

Crítico às teologias com tendências excessivamente sobrenaturalistas, por não considerar as manifestações de Deus na história e nem nos movimentos culturais (CALVANI, 2010, p. 22), Tillich almeja uma teologia de fato dialética, dialogal, capaz de assumir a ambiguidade da existência humana. Esse desconforto com as “teologias dialéticas”,

principalmente a de Karl Barth¹, motivou Tillich na construção de uma teologia fundamentada no entre-lugares, que, sem o pudor de se perder na diversidade das expressões culturais, acolhe o mundo do sujeito contemporâneo e mostra a relevância atual da mensagem do Novo Ser².

A teologia fronteiroça é inconclusa e dotada de uma linguagem aproximativa para falar sobre a relação entre Deus e o humano, no contexto da criação. Há sempre uma abertura para novas gramáticas capazes de ampliar o entendimento sobre esta relação. Diferente da linguagem técnica, objetivamente racionalista, a linguagem simbólica, de apelo também subjetivo, participa da realidade apontando para além dos seus sinais representativos. Esta linguagem, própria da religião, é “o método adequado, tanto para a mensagem de Jesus, o Cristo, como para a situação humana redescoberta na cultura contemporânea” (TILLICH, 2009, p. 90).

A linguagem polissêmica da Bíblia, por exemplo, afirma a sua relevância eterna quando os seus símbolos são atualizados em significados existenciais para o leitor atual. Caso contrário, eles se tornam vazios e sem sentido. Na dinâmica da leitura bíblica, o horizonte do leitor com o do autor se encontra e interage quando há uma troca de sentidos relacionada com a concretude da vida. Carl Jung diz que os símbolos dão significados à existência humana quando são capazes de oferecer uma “perspectiva e um objetivo que ultrapassa a sua limitada existência; abre-lhes espaço para um maior desdobramento das suas personalidades e permite-lhes uma vida plena como seres humanos” (JUNG, 2008, p. 111). Desprendendo, e não negando, das particularidades históricas,

¹ No artigo “O que está errado com a Teologia ‘Dialética’?” (What is wrong with the ‘Dialectical’ Theology?), Tillich critica a teologia dialética de Karl Barth. Para ele uma “teologia dialética” leva em consideração o diálogo sincero com o humano manifestado na cultura: “uma teologia dialética é aquela em que o ‘sim’ e o ‘não’ permanecem inseparavelmente unidos. Na assim chamada teologia ‘dialética’, eles estão irreconciliavelmente separados e, por isso, tal teologia não é dialética”. Cf. TILLICH, Paul. What is wrong with the “Dialectical” Theology? In: _____. *Theologian of the Boundaries*. London: Collin Publishers, 1987. p.104.

² “O cristianismo é a mensagem da Nova Criação, do Novo Ser, da Nova Realidade, que se manifestou com a vinda de Jesus, que por essa razão e só por essa razão é chamado o Cristo. Com efeito, o Cristo, o Messias, o eleito e ungido, é aquele que traz o novo estado de coisas”. Cf. TILLICH, Paul. *The Shaking of the Foundations*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1948. p.63.

a mensagem bíblica se torna eterna quando é capaz de, atravessar os séculos, atualizar os seus símbolos a cada nova situação cultural.

A teologia da interpretação da mensagem bíblica inaugura novos vocábulos. Tillich assinala a importância de ressignificar as categorias da teologia para uma comunicação efetiva da mensagem cristã. Não se trata simplesmente de uma troca de sinônimos, mas um esforço de explorar o campo semântico dos termos com o objetivo de atualizá-los e ultrapassar os equívocos dos preconceitos.

Citaremos alguns argumentos utilizados por Tillich como exemplos do seu exercício de ressignificação. Para a expressão “pecado original”, impregnada de sentido negativo e de caráter retrógrado para o sujeito moderno, Tillich sugere o termo “alienação” e amplia o seu significado: “em relação a si mesmo, aos outros e ao fundamento de onde viemos e para onde vamos” (TILLICH, 2009, p. 268). Diferente do “pecado original”, categoria estigmatizada, a palavra “alienação” atualiza a mensagem cristã para um conceito que todos entendem. Já o pecado, na literatura moderna, “é transformar as outras pessoas em objeto, em coisa. Talvez seja essa a maior tentação da sociedade industrial na qual todos participam na produção mecânica e do consumo” (TILLICH, 2009, p. 268).

Outro termo trabalhado por Tillich é “salvação”. À luz da relação entre a religião e a medicina, Tillich afirma que “salvação significa cura” (TILLICH, 2009, p. 269). O termo “cura” se torna relevante em sociedade relutante diante das proibições e mandamentos religiosos, mas que anseia por se acolhida, tratada e curada:

Não é possível ajudar as pessoas que sofrem de problemas psicossomáticos dizendo-lhes o que devem fazer. Só podemos lhes ajudar dando-lhes algo – aceitando-as. É assim que a graça funciona na relação de cura, seja da parte do pastor ou do médico [...]. É o que significa cura. A doença, no amplo sentido do corpo, alma e espírito, é alienação (TILLICH, 2009, p. 269-270).

O exercício de ressignificar feito por Tillich se estende por mais algumas categorias, mas, para o nosso objetivo, basta os dois exemplos acima citados para verificarmos o esforço tillichiano em redizer a mensagem cristã para o tempo presente. A condição fronteira, inerente à

sua teologia, propicia o chão ideal para um labor teológico relevante. Na correlação entre os acontecimentos das Igrejas e as demandas culturais, a teologia fronteiraça avança para além da confessionalidade. Essa visão oníabrangente sugerida por Tillich parece ser fundamental para uma teologia engajada na construção do Reino de Deus. “A Igreja julga a cultura, incluindo suas próprias formas de vida. Pois suas formas são criadas pela cultura, como sua substância torna a cultura possível [...]”. E o Reino de Deus inclui a ambas, enquanto, por outro lado, transcende a ambas” (TILLICH, 2006, p. 59).

3. Transteologia

Paul Tillich foi filho do seu tempo. Preocupado em correlacionar a mensagem cristã com a cultura moderna, empenhou-se na construção de uma teologia dialógica. Suas intuições continuam instigantes para o nosso tempo. Como dissemos, as teologias do diálogo inter-religioso, pública e hermenêutica, por exemplo, se inspiram na correlação tillichiana para dizer ao mundo a sua palavra. Cada uma a seu modo, recorre ao método de Tillich para fundamentar a sua tarefa.

Seria anacrônico impor sobre o pensamento de Tillich ideias como o pensamento complexo e transdisciplinar. O seu método, segundo a classificação atual, é essencialmente interdisciplinar, mas não se esgota aí. É perfeitamente possível afirmar que Tillich já intuía relações disciplinares, culturais e religiosas mais complexas. Enio Mueller ao prefacear a *Teologia Sistemática* de Tillich observa que o seu pensamento na fronteira “antecipa surpreendentemente muito da atual discussão sobre inter e transdisciplinaridade [...]”. Sua *Teologia Sistemática* apresenta uma imensa e complexa trama contendo uma interpretação abrangente e transdisciplinar da realidade vista como todo (MUELLER, 2005, p. 4).

Na contemporaneidade, de culturas multifacetadas e centros urbanos saturados, a vida humana sofre o impacto do pensamento plurirreferencial. As contribuições provenientes de várias áreas do saber, como: as novas cosmologias, a biologia evolutiva, a física quântica, as ciências da nano e biotecnologia e do conhecimento – por exemplo, propõem uma nova compreensão da totalidade do real. É um processo pleno e acelerado, mas indefinido. Não se sabe ainda para onde todo esse avanço nos conduzirá. O certo é que “a ambiguidade da esperança

e do desespero perante as possíveis alterações da condição humana através da tecnociência, de um lado fascina e, de outro, assusta, porque também poderá ter consequências indesejáveis e irreversíveis” (ZILLES, 2023, p. 91).

Nesse contexto, a fronteira intensifica o seu sentido como espaço inovador de enunciação e anunciação de muitas vozes e práticas. Os movimentos de empoderamento da atualidade dão visibilidade a estas iniciativas. As fronteiras se alargam. Não sem motivos, a complexidade do tempo atual inflacionou o uso do prefixo “trans” com múltiplos significados a depender do termo associado: “além de”, “para além de”, “o outro lado” ou “o lado oposto”. É o caso de: transmoderno, transhumano, transgênero, transdisciplinar, transreligioso e outras possibilidades.

A teologia também é impactada pelos avanços científicos e culturais e pensada para além do seu próprio espaço e de suas categorias inerentes. Na idade Transmoderna, proposta por Enrique Dussel, a transteologia se justifica para “além da teologia da cristandade latino-germânica, eurocêntrica e metropolitana, que ignorou o mundo colonial, e em especial as cristandades coloniais” (DUSSEL, 2013, p. 202). O seu objetivo consiste em “superar a colonialidade e a modernidade capitalista, invertendo a cristandade para retornar a um cristianismo messiânico profundamente renovado” (DUSSEL, 2013, p. 202), aberto ao reconhecimento do outro subalternizado e disposto a assumir a vocação libertadora do evangelho jesuânico.

Além da filosofia da libertação de Dussel, o termo transteologia também aparece nos estudos de religião comparada de Joseph John Campbell. Para ele, a transteologia surge da consciência de nossa fraternidade com toda criação. Há uma marca de sacralidade que nos convida à comunhão e ao cuidado. Para além das confissões de fé e elaborações doutrinárias, a transteologia é pensada a partir da “*prisca theologia* que está no transfundo cultural de todos os povos e de todas as tradições” (TENÓRIO, 2014, p. 36). “A ideia é transteológica, de um mistério indefinível, inconcebível, admitido como um poder, isto é, como a fonte, o fim e o fundamento de toda a vida e todo o ser” (CAMPBELL, 1990, p. 45).

Dependendo da área de estudo, o termo transteologia vai adquirindo acentos próprios. Os empregos da palavra aqui citados como

exemplos, assinalam para a expansão do horizonte teórico e prático da teologia quando se deixa ser interpelada pela complexidade dos níveis da realidade e assume o caminho referencial pautado na pluralidade de saberes interligados. Assim, por transteologia, entendemos uma teologia: 1) segura da sua identidade, teologia cristã, por exemplo, mas não absorvida exclusivamente por sua tradição; 2) refletida a partir da fronteira em diálogo fecundo e recíproco com as culturas, religiões e saberes diversos; 3) com consciência dos mecanismos de opressão e engajada em políticas libertadoras; 4) criativa ao ponto de repensar e ressignificar as suas próprias categorias para a sua relevância contemporânea; 5) inconclusa pela compreensão de que os saberes são limitados e provisórios e, ao mesmo tempo, inclusivos.

Os cinco princípios norteadores elencados acima apontam, de forma genérica, para uma ideia sobre a transteologia. Buscamos, na próxima etapa, avançar um pouco mais na construção de um pensamento transteológico a partir das intuições sugeridas por Paul Tillich.

3.1. Contribuições do pensamento fronteiro de Tillich para a transteologia

A transteologia encontra no pensamento fronteiro de Paul Tillich um locus importante para refletir, a partir de encontros diversos, a relação entre o humano, o Sagrado e a natureza. As correlações sugeridas por Tillich, no dinamismo do entre-lugares, possibilitam diálogos diversos capazes de ampliar um novo jeito de ver e fazer teologia na atualidade. Os sujeitos que aqui se encontram precisam de disposição para se desinstalar da comodidade dos seus próprios ambientes para fazer a experiência da novidade própria do diálogo com o outro. Não se trata de perder a pertença religiosa para se inserir em lugares trasreligiosos e transteológicos e nem de se comportar acriticamente diante do diferente. Diálogos transteológicos sadios são provenientes de sujeitos com consciência identitária. Ou segundo Moltmann: “digno de participar do diálogo é somente quem conquistou uma posição firme na sua própria religião e vai para o diálogo com a autoconsciência correspondente” (MOLTMANN, 2004, p. 28).

A teologia fronteira tillichiana é fonte de inspiração para uma transteologia disposta a rever, ressignificar e refazer as suas próprias

categorias para além das religiões e espiritualidades. A transteologia é dotada de consciência planetária a serviço da natureza e da humanidade, especialmente dos marginalizados. A fronteira é um lugar de encontros, mas é também, sobretudo, um espaço de contestação. As margens das culturas, das religiões, dos conhecimentos, inclusive da própria teologia hegemônica, são habitadas por pessoas consideradas “não-humanas”: sem cultura, sem religião, sem conhecimento e silenciadas por políticas colonialistas. A transteologia tem marcas decoloniais porque “emerge da negatividade da história como um grito de indignação e rebeldia vivido pelas subjetivações vulneradas [...] que traz consigo uma nova leitura da história, de baixo e desde o seu reverso” (MENDONZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 69-70).

Na transmodernidade, sugerida por Dussel (DUSSEL, 2016, p. 63), a transteologia faz frente às teologias cristãs hegemônicas e exclusivistas que se apropriaram da mensagem evangélica para legitimar ações de dominação. A tarefa de uma transteologia em perspectiva cristã consiste em atualizar a mensagem inclusiva e libertadora do “cristianismo libertador” (LÖWY, 2016) para as atuais gerações. De que forma?

Primeiro, tendo consciência dos seus públicos. Tillich, na crítica à teologia dialética de Karl Barth, assinala a importância de considerar o universo existencial do interlocutor no fazer teológico. Interpreta-se a mensagem da revelação cristã à luz da interpretação da cultura atual. Para ele:

Um sistema teológico deve satisfazer duas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração. A teologia oscila entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que esta verdade eterna deve ser recebida (TILLICH, 2005, p. 22).

A correlação entre esses dois polos, querigma e destinatário, parece ser fundamental para uma transteologia consciente dos seus públicos. A teologia pública de David Tracy, por exemplo, inspirada no método da correlação de Tillich, diz que a inteligência da fé é um empreendimento hermenêutico quando os clássicos religiosos deixam de ser meros depósitos de textos para se tornarem portadores de uma mensagem relevante para o contexto atual. Ao elencar os públicos so-

cidade, academia e Igrejas, Tracy sugere que o(a) teólogo(a) acolha a pluralidade das manifestações culturais com o objetivo de estabelecer diálogos entre a mensagem da fé e a concretude da vida do destinatário (TRACY, 1985, p. 264-270).

Na sociedade, a transteologia seria uma voz política, capaz de contribuir para o *ethos* da coletividade. A estrutura cultural que daí advém é marcada por expressões simbólicas, principalmente na arte e na religião, revelando sentido, crenças e valores de um povo. No âmbito da academia, ciente de que há outros saberes para além da universidade, a transteologia teria espaço quando deixaria de ser estritamente confessional e faria um processo de inserção na sociedade secularizada dizendo a sua própria palavra. Já nas Igrejas, a transteologia teria a função de criar pontes de relação com a sociedade convertendo os espaços comunitários em ambientes de inclusão, respeito e tolerância. Práticas tão urgentes em um mundo manchado pela intolerância do fundamentalismo religioso.

A transteologia se faz necessária no mundo em que o global e o local (glocal) se interagem de tal forma que temas transversais eclodem com urgência entre as culturas. Assuntos relacionados aos direitos humanos, direitos da natureza e direitos dos povos originários, por exemplo, têm uma relevância universal e pedem uma lógica de conhecimento capaz de abarcar o maior número possível de informações. Aqui, Tillich também dá a sua contribuição. Em 1923, na conferência *O sistema das ciências segundo objetos e métodos*, ele já intuía a necessidade de adquirir conhecimento a partir de todas as formas de cognição (TILLICH, 1989).

No esforço de mapear o sistema das ciências de Tillich, Robert Walter Beims assinala para a complexidade do processo pela busca do conhecimento. Sem a pretensão de uma procura absoluta, mas inconclusa e consciente das especificidades dos objetos e métodos:

O sistema das ciências de Tillich é formado pelas ciências do pensamento, as ciências do ser e as ciências do espírito. Todas as funções de sentido e ciências são criações do espírito da Gestalt viva e sistematizados pela ciência do espírito. Nas diferentes direções de sentido, o espírito encontra diferentes objetos, e estes requerem uma conduta específica do sujeito que

conhece, ou, um método para que possam ser conhecidos. Por isto a classificação das ciências é segundo objetos e métodos (BEIMS, 2008, p. 106).

Nessa teia de conhecimento, qual é o lugar da teologia? Para Tillich, a teologia está enraizada no Incondicionado, como fundamento e abismo do sentido; o seu caráter teônimo (TILLICH, 1964, p. 34). Ou seja, a teologia enquanto transteologia lida com a profundidade da vida. Ela não se coloca como uma ciência qualquer dotada de uma lógica simples entre sujeito (conhecedor) e objeto (algo a ser conhecido). Na complexa relação entre sujeito e Sujeito, a transteologia aparece com a nossa preocupação última. “Só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que este possa se tornar para nós uma questão de ser e não-ser” (TILLICH, 2005, p. 31). Parafraseando Tillich, só são transteológicas aquelas narrativas provenientes da articulação entre sujeito e o Transcendente possibilitando novos signos de identidade.

Se a transteologia lida com a profundidade da vida, ela então carrega uma mística e uma espiritualidade. Enquanto a espiritualidade assinala para a percepção do dinamismo do Espírito vivificador em todas as coisas, a mística indica a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável” (BOFF, 2005, p. 35). Tillich, aqui também, dá a sua contribuição. Para ele a dimensão religiosa está presente na vida humana, conferindo-lhe profundidade. “A religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana e pelo barulho de nosso trabalho secular. Dá-nos a experiência do sagrado, intangível, tremendamente inspirador, significado total e fonte de coragem suprema” (TILLICH, 2009, p. 45). Nesse sentido, o místico é o coração de toda religião. A convicção de que o Sagrado está presente.

Em um tempo em que “o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão” (RAHNER, 2004, p. 78-81), a teologia da espiritualidade tillichiana confere uma marca de sacralidade à transteologia contemporânea. A mística transteológica é dotada de senso comunitário. Somos espirituais, unidos com Deus, porque unidos também estamos em sociedade, unidos com os outros, “ou não o somos em absoluto” (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p. 156). Quando Tillich, na *Sistemática*,

trabalha os temas da pneumatologia e da eclesiologia, relacionando-as, ele ressignifica a categoria “Igreja” em “Comunidade Espiritual”. Quer dizer, uma comunidade animada pelo Espírito, marcada pelas experiências regenerativas da participação no Novo Ser e enxertada num processo vital de transformação real (TILLICH, 2005, p. 614-720).

A Comunidade Espiritual de Tillich, não se limita somente às Igrejas. Nelas, a Comunidade é manifesta, mas a sua ação transborda os seus limites e alcança todo o mundo, as religiões, os movimentos sociais e culturais (TILLICH, 2005, p. 688-705). Poderíamos ir além e dizer que a mística transteológica da ampla Comunidade Espiritual entende o outro também como a natureza. Uma transteologia centrada na criação em que a percepção ecológica profunda e a percepção espiritual fluem juntas. “Se uma vida ecológica é, em última análise, uma vida espiritual, então ela se torna uma disciplina espiritual” (CAPRA; STEINDL-RAST, 1991, p. 158). Temos aqui uma espiritualidade eco-humana importante para o sujeito de hoje porque ela é ativamente engajada na luta pelos direitos da natureza.

A universalidade salvífica da transteologia encontra no símbolo “Reino de Deus” resposta à pergunta pelo sentido da história. Segundo Tillich:

Enquanto intra-histórico, ele participa da dinâmica da história; enquanto trans-histórico, responde às perguntas implícitas nas ambiguidades da dinâmica da história. Na primeira qualidade, ele se manifesta através da Presença Espiritual; na última, identifica-se com Vida Eterna. Esta dupla qualidade do Reino de Deus faz dele o símbolo mais importante e mais complexo do pensamento cristão e, mais ainda, um dos mais críticos tanto para o absolutismo político quanto eclesiástico (TILLICH, 2005, p. 736).

Enquanto símbolo de fé, o Reino de Deus vem assumindo contornos cada vez mais abrangentes. Mesmo sendo uma expressão de origem judaico-cristã, ela não se limita a tal pertencimento e não é uma exclusividade enclausurada por nenhuma religião. O Reino de Deus é universal e como tal abarca toda a criação, principalmente os excluídos. Ideia basilar para uma transteologia que entende o Reino de Deus como categoria dialogal e de resistência para além das fronteiras entre povos, culturas e religiões. Por meio do Reino, homens e mulheres “recebem do Criador a mesma vocação fundamental e toda a humanidade está

envolvida em uma história coletiva com a qual Deus faz uma história de salvação” (GEFFRÉ, 1990, p. 13).

Considerações finais

As contribuições do pensamento fronteiro de Paul Tillich para a transteologia não têm fim. Há muitas correlações possíveis e necessárias provenientes da riqueza do pensamento tillichiano como da abertura dialogal proposta pela transteologia. Ensaíamos algumas, de forma introdutória e incipiente, mas desafiadoras em um tempo marcado pela crise das estruturas religiosas e das suas teologias. Parece-nos que uma teologia para além dos seus próprios espaços, transteologia, segura de sua especificidade e, ao mesmo tempo, disposta ao encontro com o outro, é resposta viável às perguntas existenciais do sujeito contemporâneo. Isso não significa dizer que a transteologia é a novidade do momento capaz de solucionar todos os problemas. Longe disso. O modo “para além de” imposto sobre a teologia é capaz de colocá-la no entre-lugares das sociedades, culturas, religiões e saberes com a intenção de alargar ainda mais a sua relevância libertadora.

Religiões e teologias são vocacionadas para a salvação (libertação, humanização etc.). Assim compreendidas e praticadas oferecem uma riqueza à humanidade. A inteligência da fé que emerge das religiões contribui com respostas inconclusas para aliviar a alma inquieta do ser humano. Nos âmbitos da vida, expressos por meio da cultura, das artes, das linguagens, dos ritos, dos imaginários, das tradições, as religiões se apresentam como um conjunto existente de ideias a respeito da compreensão sobre o ser humano, no contexto da criação, a sua origem e o seu destino.

A teologia de Paul Tillich, na correlação entre revelação e cultura, faz da fronteira um lugar privilegiado de reflexão e prática. A transteologia que brota daqui estende caminhos de atuação com a consciência de que nenhuma teologia é universal e perene, igualmente válida em todos os lugares e em todos os tempos. Teologias relevantes são aquelas que se deixam ser interpeladas pelo universo dos seus destinatários e se colocam no entre-lugares da vida para mudar e melhorar o mundo.

Referências

BEIMS, Robert Walter. **A religação dos saberes e a teologia**: o Sistema das Ciências de Paul Tillich no horizonte do pensamento complexo de Edgar Morin. Tese de doutorado. São Leopoldo: EST, 2008. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/611?show=full>>.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOFF, Leonardo. Sentido antropológico-existencial de mistério e mística. In: _____; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 6.ed.rev.amp. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da arte**: espiritualidade, igreja e cultura a partir de Paul Tillich. São Paulo: Ed. Fonte Editorial; Ed. Paulinas, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David. **Pertencendo ao universo**: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

COUTO, Mia. **Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras**. Disponível em: <<http://fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16,176>>.

DUSSEL, Enrique. Descolonização epistemológica da teologia. **Concilium**, nº 350, 2013.

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidade e interculturalidade**: interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado, nº 1, 2016.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

GEFFRÉ, Claude. La teologia de las religiones no-cristianas: veinte años despues del Vaticano II. In: **Encuentro islamo-cristiano**. n.217, mayo, Madri, 1990.

HIGUET, Etienne A. A teologia “apologética” da cultura de Paul Tillich: profundidade e superfície na busca de sentido. **Revista Eletrônica Correlatio**, nº 8, out. de 2005. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1746/1737>>.

JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. In: _____. (Org.). **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LÖWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação?** Religião e política na América Latina. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MACHADO, Cassiano EleK. **Pensar a cultura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A ressurreição como antecipação messiânica**: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis: Vozes, 2020.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MONDIM, Battista. Paul Tillich e a teologia da correlação. In: _____. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Ed. Teológica, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MUELLER, Enio. Prefácio à nova edição portuguesa. In: TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5.ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2005.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999a.

NICOLESCU, Basarab. **Um novo tipo de conhecimento**: transdisciplinaridade, 1999b. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/conhecimento.pdf>>.

NICOLESCU, Basarab; MORIN, Edgard; FREITAS, Lima de. (Eds.). **Carta da transdisciplinaridade**. Disponível em: <<https://ciret-transdisciplinarity.org/chart.php#es>>.

PIAJET, Jean. **Pscycología y epistemología**. Barcelona: Ariel, 1975.

RAHNER, Karl. **O cristão do futuro**. São Paulo: Novo Século, 2004.

RODE, Werner. **A conversation with Dr. Paul Tillich and Mr. Werner Rode**, a graduate student of theology [videorecording], 1956. Published: New Haven, CT: Yale Broadcast & Media Center, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JRoyr-y01Lg#t=152>>.

RODRIGUES, Maria Lucia. Caminhos da transdisciplinaridade: fugindo a injunções lineares. **Nemess Complex**. São Paulo: PUC-SP. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nemess/links/artigos/marialucia3.htm>>.

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

TENÓRIO, Waldecy. **Escritores, gatos e teologia**. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

TILLICH, Paul. A Igreja e a cultura contemporânea. In: _____. **Textos selecionados**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

TILLICH, Paul. **Auf der Grenze**. München/Hamburg: Siebenstern-Taschenbuch Verlag, 1964.

TILLICH, Paul. Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden. In: WENTZ, Gunther. **Paul Tillich: Main Works / Hauptwerke**. Philosophical Writings. Berlin/New York: De Gruyter – Evangelisches Verlagswerk GmbH, 1989. Vol. 1.

TILLICH, Paul. **On the boundary**: an autobiographical sketch. New York: Charles Scribner's Sons, 1966.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5.ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. **The Shaking of the Foundations**. New York: Charles Scribner's Sons, 1948.

TILLICH, Paul. **Theologian of the Boundaries**. London: Collin Publishers, 1987.

TRACY, David. **A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo**. São Leopoldo: Unisino, 2004.

TRACY, David. Tillich and Contemporary Theology. In: ADAMS, James; PAUCK, Wilhem; SHINN, Roger. (Eds). **The Thought of Paul Tillich**. San Francisco: Harper and Row Publishers, 1985.

ZILLES, Urbano. **O Deus dos filósofos**. São Paulo: Paulus, 2023.

Submetido em: 10-7-2023

Aceito em: 5-8-2023